



## PREFEITURA MUNICIPAL DE SERTÃOZINHO

ESTADO DE SÃO PAULO

Concurso Público

### 028. PROVA OBJETIVA

Professor de Educação Básica II – Português

(Cód. 031)

- ◆ Você recebeu sua folha de respostas e este caderno contendo 60 questões objetivas.
- ◆ Confira seus dados impressos na capa deste caderno e na folha de respostas.
- ◆ Quando for permitido abrir o caderno, verifique se está completo ou se apresenta imperfeições. Caso haja algum problema, informe ao fiscal da sala.
- ◆ Leia cuidadosamente todas as questões e escolha a resposta que você considera correta.
- ◆ Marque, na folha de respostas, com caneta esferográfica de tinta azul ou preta, a letra correspondente à alternativa que você escolheu.
- ◆ A duração da prova é de 3 horas e 30 minutos, já incluído o tempo para o preenchimento da folha de respostas.
- ◆ Só será permitida a saída definitiva da sala e do prédio após transcorridos 75% do tempo de duração da prova.
- ◆ Ao sair, você entregará ao fiscal a folha de respostas e este caderno, podendo levar apenas o rascunho de gabarito, localizado em sua carteira, para futura conferência.
- ◆ Até que você saia do prédio, todas as proibições e orientações continuam válidas.

**Aguarde a ordem do fiscal para abrir este caderno de questões.**

Nome do candidato \_\_\_\_\_

RG \_\_\_\_\_

Inscrição \_\_\_\_\_

Prédio \_\_\_\_\_

Sala \_\_\_\_\_

Carteira \_\_\_\_\_

## CONHECIMENTOS GERAIS

### LÍNGUA PORTUGUESA

Leia o texto de Cesar Baima para responder às questões de números **01** a **03**.

#### *'Pílula do exercício' dá resistência e queima gordura sem atividade física*

Maratonistas, ciclistas e outros atletas de provas de resistência frequentemente relatam a sensação de “bater na parede”, atingindo um nível de exaustão no qual é impossível continuar a competir. O treinamento regular, no entanto, pode afastar essa “parede” cada vez mais para “longe” ao promover alterações na forma como o organismo consome energia, como aumentar a queima de gordura.

E agora uma simples pílula promete fazer isso sem que eles precisem dar um passo ou pedalada. Em testes anteriores com camundongos, o composto designado GW501516 (ou só GW) mostrou-se capaz de **replicar** alguns dos efeitos na saúde da prática de exercícios regulares, como aumentar o gasto de energia e reduzir a obesidade.

Na opinião do cardiologista Claudio Gil Araújo, diretor de pesquisas da Clínica de Medicina do Exercício (Clinimex), o estudo pode ser extremamente útil para se entenderem as decisões das células musculares do ponto de vista do metabolismo, porém não se pode transferir para uma pílula algo tão complexo como os benefícios dos exercícios para a saúde.

(<http://oglobo.globo.com>. 02.06.2017. Adaptado)

**01.** Ao expor a opinião do cardiologista Claudio Gil Araújo, o autor sugere que

- (A) os benefícios da pílula permanecerão restritos a camundongos de laboratório.
- (B) a comercialização da pílula deixará a prática de exercícios físicos menos enfadonha.
- (C) os estudos dos efeitos da pílula acarretam avanço inexpressivo à ciência médica.
- (D) a pílula não deve ser vista como um substituto das atividades físicas.
- (E) os recursos gastos na pesquisa da pílula deveriam ser destinados a outros projetos.

**02.** O vocábulo **replicar**, em destaque no segundo parágrafo, é empregado com sentido equivalente a

- (A) corroborar.
- (B) retorquir.
- (C) relatar.
- (D) refutar.
- (E) reproduzir.

**03.** As aspas empregadas no primeiro parágrafo servem ao propósito de

- (A) frisar a relação contraditória entre os termos.
- (B) demarcar a citação da fala de um terceiro.
- (C) destacar expressões com sentido figurado.
- (D) explicitar o sentido cômico das palavras.
- (E) ressaltar o caráter científico dos vocábulos.

**04.** Assinale a alternativa em cuja frase a concordância das palavras está em conformidade com a norma-padrão da língua.

- (A) Está entre os benefícios da prática de atividades físicas regulares a redução da obesidade.
- (B) Para uma vida saudável, fazem-se necessários dedicar tempo e esforço à prática de exercício físico.
- (C) Mesmo as pessoas que praticam esporte apenas aos fins de semana podem ser beneficiados.
- (D) Ainda falta estudos capazes de mensurar os efeitos que a pílula pode causar àqueles que as utilizar.
- (E) Tanto os estudos laboratoriais quanto os clínicos poderá trazer luz sobre os efeitos decorrente do uso da pílula.

Leia o poema de Cecília Meireles para responder às questões de números **05** e **06**.

#### *Epigrama*

A serviço da Vida fui,  
a serviço da Vida vim;

só meu sofrimento me instrui,  
quando me recordo de mim.

(Mas toda mágoa se dilui:  
permanece a Vida sem fim.)

(Cecília Meireles, *Viagem: vaga música*)

**05.** Os dois últimos versos chamam a atenção para a

- (A) imposição do **sofrimento** à **Vida**.
- (B) diluição do **sofrimento** e da **Vida**.
- (C) permanência da **mágoa** e do **sofrimento**.
- (D) efemeridade da **Vida** e da **mágoa**.
- (E) prevalência da **Vida** sobre a **mágoa**.

06. As formas verbais **fui**, **vim** e **recordo**, aliadas aos pronomes **meu**, **me** e **mim**, compõem

- (A) um discurso com finalidade panfletária.
- (B) um texto com tonalidade intimista.
- (C) uma crítica com viés satírico.
- (D) uma poética de cunho laudatório.
- (E) uma reflexão de ordem impessoal.

Leia o texto de Sêneca para responder às questões de números 07 a 09.

Não é curto o tempo que temos, mas dele muito perdemos. A vida é suficientemente longa e com generosidade nos foi dada, para a realização das maiores coisas, se a empregamos bem.

Mas, quando ela se esvai no luxo e na indiferença, quando não a empregamos em nada de bom, então, finalmente constrangidos pela fatalidade, sentimos que ela já passou por nós sem que tivéssemos percebido.

O fato é o seguinte: não recebemos uma vida breve, mas a fazemos, nem somos dela carentes, mas esbanjadores.

Tal como abundantes e régios recursos, quando caem nas mãos de um mau senhor, dissipam-se num momento, enquanto que, por pequenos que sejam, se são confiados a um bom guarda, crescem pelo uso, assim também nossa vida se estende por muito tempo, para aquele que sabe dela bem dispor.

(Sêneca, *Sobre a brevidade da vida*. Trad. Adaptado)

07. Uma frase que traduz a tese defendida no texto é:

- (A) A vida é distribuída aos homens de maneira desigual e injusta.
- (B) A vida deveria ser mais generosa com o sábio do que com o tolo.
- (C) A vida só é curta para quem não aproveita bem o tempo.
- (D) A vida do homem injusto é tão necessária quanto a do justo.
- (E) A vida dedicada à aquisição da sabedoria passa mais depressa.

08. Na apresentação das ideias no último parágrafo, o autor recorre

- (A) ao emprego do raciocínio comparativo.
- (B) ao uso sistemático de perguntas retóricas.
- (C) a argumentos que se anulam mutuamente.
- (D) à narração de fatos que se sucedem no tempo.
- (E) à evocação de eventos de sua vida pessoal.

09. Assinale a alternativa em que o vocábulo destacado expressa uma hipótese/condição em ambos os trechos.

- (A) A vida é suficientemente longa [...] **se** a empregamos bem.  
... quando ela **se** esvai no luxo e na indiferença...
- (B) A vida é suficientemente longa [...] **se** a empregamos bem.  
... **se** são confiados a um bom guarda, crescem pelo uso...
- (C) ... quando ela **se** esvai no luxo e na indiferença...  
... **se** são confiados a um bom guarda, crescem pelo uso...
- (D) ... **se** são confiados a um bom guarda, crescem pelo uso...  
... assim também nossa vida **se** estende por muito tempo...
- (E) ... quando ela **se** esvai no luxo e na indiferença...  
... assim também nossa vida **se** estende por muito tempo...

10. Assinale a alternativa que completa, correta e respectivamente, a seguinte passagem do texto de Sêneca, de acordo com a norma-padrão.

A maior parte dos mortais, Paulino, queixa-se da malevolência da Natureza, porque estamos destinados \_\_\_\_\_ um momento da eternidade, e, segundo eles, o espaço de tempo que \_\_\_\_\_ dado corre tão veloz e rápido, de forma que, à exceção de muito poucos, a vida abandonaria \_\_\_\_\_ todos em meio aos preparativos mesmos para a vida.

- (A) à ... foi-nos ... a
- (B) a ... foi-nos ... à
- (C) a ... nos foi ... à
- (D) a ... nos foi ... a
- (E) à ... nos foi ... a

Leia o texto que segue para responder às questões de números 11 e 12.

A escola para pessoas comuns, que não são nobres e nem do clero, faz parte da modernidade, da sociedade de classes, urbano-industrial e capitalista, que tem o conhecimento científico embutido nas práticas produtivas. No Brasil, país com proporções continentais, com forte desigualdade social e sequelas de quase quatro séculos de colonialismo e escravidão, esse processo de urbanização e industrialização teve início no século XX e foi exigindo, progressivamente, a educação escolar pública, importante para a produção do tecido social e para a humanização e inserção das pessoas, o que levou a Constituição Federal de 1988, arts. 205 a 208, declará-la como direito do cidadão e dever do Estado, da família e da sociedade.

11. Celina Arêas analisa que, em atendimento à CF/88, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e demais legislações que regem o Sistema Educacional Brasileiro preconizam a universalização do acesso e permanência das crianças, jovens e adultos, em todas as etapas da Educação Básica, como algo imprescindível para que a escola, pública e gratuita, garanta sua função social, trabalhando para

- (A) desenvolver, nos educandos, competências e habilidades requeridas pelo competitivo mercado de trabalho no contexto econômico globalizado.
- (B) aliar o saber científico ao saber prévio dos alunos e aos valores patrióticos e desenvolvimentistas, vencendo o atraso do país.
- (C) formar o cidadão, com a construção de conhecimentos, de atitudes e valores que tornem o estudante solidário, crítico, ético e participativo.
- (D) contribuir na construção de um Brasil desenvolvido que premia quem se esforça para progredir, estudando e trabalhando.
- (E) transmitir o saber sistematizado, fazendo com que ele substitua o saber trazido pelos alunos e oriundo de suas experiências.

12. Rossana Ramos (2016) escreve: “As pessoas com deficiência não têm de pedir licença ou permissão para serem incluídas. Têm apenas de ocupar seu lugar no universo humano de que fazem parte”. A esse respeito, no tocante à escola, pode-se constatar que a CF/88, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96, assim como a Lei Orgânica do Município de Sertãozinho, determinam que os portadores de necessidades especiais sejam atendidos preferencialmente na rede regular de ensino. Porém, na perspectiva da inclusão, para atender esse preceito legal não basta matricular os estudantes com deficiência nas classes comuns do ensino regular.

De acordo com Mantoan (2015), esse atendimento requer

- (A) recriar o modelo educativo escolar, tendo como eixo o ensino para todos, sem exclusões, sem exceções.
- (B) treinar o profissional que trabalha com o deficiente na classe comum para não deixá-lo atrapalhar os demais.
- (C) conscientizar o professor de que ele deve promover o desenvolvimento de seus alunos, priorizando os portadores de deficiência.
- (D) flexibilizar a exigência de assiduidade do aluno com deficiência à escola, uma vez que sua própria família pode não acreditar no seu progresso.
- (E) difundir sentimento de misericórdia para com as pessoas com deficiências e suas famílias, de modo a motivar os profissionais da escola a assumirem a árdua tarefa.

13. Flávia, aluna de Pedagogia, elaborou, para a disciplina de Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, um resumo do texto de Onrubia (In: Coll, 1999, cap. 5). Ao lê-lo, Flávia tomou conhecimento de que, para a concepção construtivista de ensino, “ensinar é criar zonas de desenvolvimento proximal e nelas intervir”. Conforme Onrubia, sem essa intervenção, poucos alunos poderiam aprender, da maneira mais significativa possível, os conhecimentos necessários ao seu desenvolvimento pessoal e à sua capacidade de compreensão da realidade e de atuação nela. Em seu texto, Onrubia afirma, ainda, que a condição básica para que a ajuda educacional seja eficaz e possa atuar como tal é que ela

- (A) se ajuste à situação e às características que, a cada momento, a atividade mental construtiva do aluno apresentar.
- (B) possibilite ao aluno adquirir as condições apropriadas ao estudo, tais como: saber planejar e conseguir focar a atenção.
- (C) ensine os alunos a usarem estratégias de aprendizado, por exemplo: grifar palavras-chave, realizar resumos e formular perguntas.
- (D) se adapte às características da maioria dos estudantes, ensinando-lhes técnicas de memorização do conhecimento.
- (E) organize um processo de integração entre os pais e a escola; entre a instituição e os alunos, e entre os estudantes e seus pais.

14. Silvana concluiu o curso de Licenciatura e inscreveu-se para a seleção de professores II no município de Sertãozinho. Preparando-se para a prova, estudou o texto de Castro e Regattieri, (In: Castro; Regattieri, 2009), verificando que essas autoras, ao tratar da interação escola-família, analisam os papéis que são desempenhados e as responsabilidades específicas desses distintos atores, os quais têm algum grau de reciprocidade e de abertura para o diálogo. Referindo-se a um contexto no qual os pais são pouco escolarizados, com jornadas de trabalho extensas e com pouco tempo para acompanhar a vida de seus filhos, essas autoras afirmam que, em relação aos alunos, cabe à escola procurar diagnosticar suas dificuldades pedagógicas para atendê-los de acordo com suas necessidades, enquanto, em relação aos pais, a escola deve
- (A) analisar as famílias juntamente com o Conselho Tutelar, de modo que este crie formas para assistir tais alunos, ensinando-os no lugar dos pais.
  - (B) incentivá-los a obterem tempo para atender seus filhos, diminuindo suas jornadas de trabalho; assim priorizarão o ensino de seus filhos.
  - (C) explicar-lhes que ela não pode assumir o papel das famílias e, desse modo, seus filhos poderão se tornar menos preparados que os demais alunos.
  - (D) identificar as condições de cada família, para então negociar de acordo com seus limites e possibilidades a melhor forma de ação conjunta.
  - (E) verificar se os pais conseguem pagar uma pessoa para acompanhar seus filhos nos estudos, assim como custeiam o transporte escolar.
15. Leila, para o concurso de Professor II, de Sertãozinho, leu, na Resolução CNE/CEB 04/2010, que as dimensões do “educar” e do “cuidar” são inseparáveis. Diante dessa afirmação, ela se perguntou como conciliar tais dimensões quando, no dia a dia, surgirem comportamentos indesejados das crianças e, também, conflitos entre elas. Foi no texto de Vinha (1999) que Leila encontrou uma resposta que a satisfaz: para que as crianças construam comportamentos sociais desejáveis e para que aprendam a resolver conflitos inerentes à vida social, a escola precisa, em sua organização,
- (A) promover um ambiente autocrático.
  - (B) promover um ambiente democrático.
  - (C) elaborar um código disciplinar austero.
  - (D) propor intervenções diretas do docente.
  - (E) propor punição exemplar aos envolvidos.
16. Angélica, coordenadora pedagógica de uma escola pública em um município paulista, propôs aos professores II da unidade a realização de estudos, no horário de trabalho coletivo, para aprofundar os conhecimentos relativos ao projeto político-pedagógico. O grupo concordou e iniciou com a análise do art. 43 da Resolução CNE/CEB nº 4/2010, que trata desse projeto. Compatível com essa legislação, Marta, uma das professoras, sugeriu o examinar o texto de Pimenta (1990). Angélica providenciou o material para todos lerem e, após discutirem-no, concluíram que, conforme a autora, a construção do projeto político-pedagógico é fruto de um fazer coletivo e que o ponto de partida para o projeto real é a explicitação de que se quer uma Escola Pública democrática e de qualidade, o que envolve a questão de uma organização escolar que parta da realidade encontrada e a modifique, colocando a organização administrativa
- (A) no combate à indisciplina.
  - (B) nos moldes da autogestão.
  - (C) a serviço da observância legal.
  - (D) voltada à inovação tecnológica.
  - (E) a serviço do trabalho pedagógico.
17. Eduardo vai prestar o concurso para a seleção de professores de Educação Básica (PEB) II, em Sertãozinho. Buscando embasar-se, leu o artigo de Veiga (In: Veiga – org., 1996) e observou que a principal possibilidade de construção do projeto político-pedagógico passa pela relativa autonomia da escola, de sua capacidade de delinear sua identidade. Assim, buscar uma nova organização para a escola constitui uma ousadia para os educadores, pais, alunos e funcionários. Para levá-la avante, torna-se necessário um referencial que fundamente a construção do projeto político-pedagógico. Nesse sentido, Eduardo concluiu que, de acordo com a autora, é preciso que nos alicercemos nos pressupostos de uma teoria pedagógica
- (A) crítica, viável, que parta da prática social e comprometida em solucionar os problemas da educação e do ensino de nossa escola.
  - (B) moderna e rica, que acompanhe, subsidie e venha ampliar os avanços mais atuais na Física, na Matemática e nas Ciências da Computação.
  - (C) imune à fragmentação do currículo em disciplinas, conforme tem ocorrido ao longo de toda a história da educação escolar.
  - (D) coerente com o escolanovismo porque ele permitiu um maior acesso à escola para a grande maioria dos alunos das camadas populares.
  - (E) atual e de concepção libertária que está comprometida em solucionar os problemas da educação neste país, e intervém na prática social.

18. Um grupo de professores II de uma escola pública municipal, interessado em ampliar suas contribuições de participação na gestão democrática do ensino público, de acordo o art. 14 e incisos da LDBEN, Lei nº 9.394/96, decidiu estudar, no horário de trabalho coletivo de sua unidade, o texto de Aguiar (2006) sobre o conselho escolar e a relação entre a escola e o desenvolvimento com igualdade social. Desse modo, puderam compreender a importância da participação no conselho escolar e na elaboração coletiva do PPP que, assim, se constitui como o norte orientador das práticas curriculares e pedagógicas da escola. Concluíram, conforme a autora, que o exercício da participação, o qual caracteriza a gestão democrática, abre novas possibilidades de organização pedagógica que favorecem

- (A) de um lado, a instauração do respeito à individualidade do aluno e ao seu percurso de aprendizagem e, de outro lado, contribuem para o crescimento profissional dos educadores que partilham do trabalho coletivo.
- (B) oportunidades para os docentes discutirem a programação de seus cursos e, ao mesmo tempo, analisarem a importância da organização de classes homogêneas a partir dos terceiros anos do Ensino Fundamental.
- (C) de um lado, a articulação do conselho escolar com a comunidade e, de outro lado, permitem a aplicação da avaliação classificatória extensiva a todos os anos do curso de Ensino Fundamental, exceto aos primeiros anos.
- (D) a apresentação de situações compatíveis com a construção de uma escola comprometida com a formação cidadã, a qual, ainda, deverá assegurar a profissionalização de seu alunado, visando ao mundo do trabalho.
- (E) a participação dos escolares em projetos comunitários importantes e sempre coordenados pelas associações de bairro, o que permitirá o desenvolvimento integral de alunos, no quinto e nono anos do Ensino Fundamental.

Leia o texto que segue para responder às questões de números 19 a 22.

Ensinar na escola, ser professor, é trabalhar com desenvolvimento humano e com a construção do conhecimento numa realidade multicultural. Esse trabalho corresponde ao desenvolvimento do currículo na escola de Educação Básica. Esta, conforme se afirma na Resolução CNE/CEB nº 04/2010, “é o espaço em que se ressignifica e se recria a cultura herdada, reconstruindo-se as identidades culturais, em que se aprende a valorizar as raízes próprias das diferentes regiões do País” (art. 11).

19. Resende, em Veiga (1996), escreve que “a realidade de um mundo multicultural é, hoje, uma das verdades mais latentes e uma questão que necessita ser capturada e administrada pelas relações sociais das mais diversas instituições, dentre elas as educacionais”. Para essa educadora e pesquisadora, a condição multicultural da realidade social traz ambiguidades que “atingem a alma da escola e, mais especificamente, seu papel como instituição que se pretende formadora, ‘oxigenada’ e apta à análise e à crítica”. Nas reflexões que Resende apresenta, encontram-se argumentos em favor de que, no desenvolvimento de suas atividades curriculares – o qual se dá no encontro entre culturas –, a escola analise as diferenças como

- (A) produtos dos processos vividos pelos alunos os quais devem ser tomados como “material” de entrada, matéria-prima, para o trabalho educativo de homogeneização e elevação cultural dos alunos.
- (B) reveladoras do histórico de vida dos sujeitos e que permitem distinguir aqueles alunos com cultura mais elevada e que “vão sozinhos”, daqueles com pouca cultura e que pedem maior atenção docente.
- (C) produtos da história (entendida como sequência de rupturas e deslocamentos), da ideologia e das relações de poder, buscando a articulação entre currículo e experiências vivenciadas pelos alunos.
- (D) resultantes da desigualdade econômica e social entre as famílias e suas comunidades de origem, tomando cuidado para agir com neutralidade e para combater o “bullying” por preconceito de classe.
- (E) revelações das experiências vivenciadas pelos alunos, associadas a seus conhecimentos prévios, os quais a escola deve diagnosticar, substituindo-os por conteúdos conceituais da cultura acadêmica.

20. A “Transversalidade e a Interdisciplinaridade” são duas categorias importantes para um trabalho de desenvolvimento do currículo que tenha por objetivo formar sujeitos capazes de uma leitura de mundo crítica e propositiva. Isso porque a realidade que é, a um só tempo, una e múltipla, exige, para uma aproximação com mais propriedade dos fenômenos naturais e sociais, que se busquem os possíveis pontos de convergência entre as várias áreas e a sua abordagem conjunta, propiciando uma relação epistemológica entre as disciplinas, que corresponde à interdisciplinaridade. A Resolução CNE/CEB 04/2010 aborda essas duas categorias e, em relação à transdisciplinaridade, afirma que ela
- (A) é um novo critério para introduzir, no currículo do ensino fundamental brasileiro, novas disciplinas chamadas “temas transversais”.
  - (B) se opõe à interdisciplinaridade, pois esta se coloca como guardiã da verdade, e se apresenta como a única forma de buscá-la.
  - (C) se refere à proposta de renovação didática, pela qual os professores ministram disciplinas diversas das de sua licenciatura.
  - (D) se refere à dimensão didático-pedagógica e, nisso, difere da interdisciplinaridade, sendo que, ambas, complementam-se.
  - (E) diz respeito a uma abordagem didática opcional, que agrupa conteúdos das disciplinas obrigatórias do currículo, por temas.
21. Henrique pensava que soubesse o que é currículo: “o rol oficial de disciplinas com seus programas, ensinado nas escolas”! Mas, surpreendeu-se enormemente, ao ler o cap. III, da 4ª parte do livro de Libâneo; Oliveira; Toschi (2003). Ali, apercebeu-se da importância do trabalho educativo escolar e da participação de cada um, com seus saberes e valores, para se garantir o conjunto, a formação integral dos estudantes, sua identidade, sua cidadania, sob a “regência” da equipe de direção coordenação. Com essa leitura, compreendeu que “o provimento de cultura escolar aos alunos e a constituição de um espaço democrático na organização escolar devem incluir a interculturalidade: o respeito e a valorização da diversidade cultural e das diferentes origens sociais dos alunos, o combate ao racismo e a outras formas de discriminação e preconceito”. Nessa perspectiva, Henrique pôde interpretar corretamente a obra de Auad (2016), *Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola*, na qual essa estudiosa apresenta dados de suas pesquisas analisando que a escola
- (A) já está fazendo o que lhe cabe, ao organizar classes mistas desde a educação infantil, dando oportunidade para meninas e meninos terem uma mesma educação e poderem comprovar onde estão suas diferenças, quem é melhor e, em quê.
  - (B) ao implantar classes mistas revolucionou as relações entre meninas e meninos, reduzindo a “zona de penumbra e mistério” que cada gênero oferece ao entendimento do outro e favorecendo, mesmo fora de seus muros, a democracia nessas relações.
  - (C) pode ser o lugar onde se dá o discriminatório “aprendizado da separação” ou, em contrapartida, pode ser uma importante instância de reflexão sobre o masculino e o feminino, fazendo com que as diferenças não se confundam com desigualdades.
  - (D) nada pode fazer para diminuir a opressão do gênero masculino sobre o feminino, porque a cultura ocidental carrega um imaginário muito forte de superioridade masculina, o que acarreta um “patrulhamento” da escola, pelos pais, nessa área.
  - (E) está examinando a possibilidade de testar projetos de unidades só femininas ou só masculinas, após quase um século de classes mistas (coeducação), pois há defensores de que a separação favorece a concentração e o melhor aproveitamento.

22. Os professores II, de diferentes disciplinas, que atuam numa escola municipal do interior paulista, foram desafiados pela chegada de três novos alunos, irmãos entre si, imigrantes originários de outro país, de uma outra cultura, falando e escrevendo idioma diferente do português. A coordenação pedagógica dos professores foi fundamental para que eles pudessem refletir sobre as situações de aprendizagem a serem oferecidas aos alunos, de modo que todos pudessem construir conhecimentos a partir dos que já traziam, ressignificando-os. Com os estudos, compreenderam que os seres humanos estabelecem relações com as realidades naturais e sociais e internalizam essas relações simbolicamente, pela língua/linguagem e o pensamento, constituindo um complexo texto interdisciplinar, o qual eles vão reconstruindo e ampliando e do qual fazem parte os conteúdos de todas as áreas de conhecimento, sistematizado ou não, promovendo uma leitura de mundo. Entre os autores consultados pelos professores para esses estudos, constou Teresa Mauri, em Coll (1999, cap. 4). Eles sentiram-se gratificados com a reconstrução de suas concepções e práticas sobre o ensino, fator essencial no desenvolvimento do currículo escolar, tendo percebido que o trabalho didático-pedagógico dos professores das diferentes disciplinas relaciona-se fortemente com a competência leitora dos estudantes, pois, como afirma Mauri,
- (A) aprender algo equivale a elaborar uma representação pessoal do conteúdo objeto de aprendizagem, “enganchando-o” nos conhecimentos prévios, com a relevante participação dialogal do professor.
  - (B) todos os conhecimentos a serem ensinados dependem do aluno conseguir ler e entender o que o professor escreve na lousa ou fala e, ainda, os textos do livro didático e apostilas para poder memorizá-los.
  - (C) a leitura e a escrita da língua materna, alfabetização, é pré-requisito para aprender conteúdos específicos, tanto assim, que esse processo está colocado nas séries iniciais do ensino fundamental.
  - (D) o aluno do ensino fundamental II precisa saber ler e escrever bem, com fluência, para registrar as exposições dos professores das diversas disciplinas, estudar textos, responder questões por escrito.
  - (E) ela é o indicador mais seguro de que seu desenvolvimento cognitivo é normal, podendo, assim, aprender os conteúdos das disciplinas do fundamental II, em classes comuns do ensino regular.
23. Queiroz e Moita, em *Fundamentos Sócio-Filosóficos da Educação* (2007), explicitam que as tendências pedagógicas se originam “no seio dos movimentos sociais, em tempos e contextos históricos particulares” influenciando as práticas pedagógicas. Por exemplo, no Brasil, durante muito tempo, as escolas seguiram a tendência tradicional liberal que considerava como objetivo da escola preparar os alunos para assumir papéis na sociedade, e centrava a proposta de educação no professor, como único detentor do saber que seria repassado aos alunos. A partir do início do século XX, outras tendências foram introduzidas no Brasil, tais como a Liberal Renovada, a Liberal Técnica, a Progressista Libertadora, a Progressista Libertária e a Histórico-Crítica. Analisando-se essas tendências, é correto afirmar que, como coloca Queiroz e Moita, na tendência Progressista Libertadora, a atividade escolar deveria
- (A) assegurar, por meio do trabalho com conhecimentos sistematizados, a inserção, com qualidade, das classes populares nas escolas, garantindo-lhes as condições para uma efetiva participação no processo produtivo e nas lutas sociais, em prol de transformações profundas.
  - (B) apoiar e estimular a participação da comunidade em grupos e movimentos sociais (sindicatos, grupos de mães, associações de moradores, etc.), para além dos muros da escola e, ao mesmo tempo, trazer para dentro dela a realidade pulsante da sociedade.
  - (C) preparar o aluno para assumir seu papel na sociedade, adaptando suas necessidades ao meio social, ou seja, a escola deveria imitar a vida, defendendo a ideia “aprender fazendo”, centrando-se no aluno e valorizando a pesquisa, a descoberta.
  - (D) se centrar em discussões de temas sociais e políticos e em ações concretas sobre a realidade social imediata e o professor deveria agir como um coordenador de atividades, aquele que organiza e atua conjuntamente com os alunos.
  - (E) retirar o professor e os conteúdos disciplinares do centro do processo pedagógico e colocar, aí, o aluno cuja curiosidade, criatividade, inventividade seriam estimuladas pelo professor, como um facilitador do ensino.

24. Regina, preparando-se para o concurso de Professor II, promovido pelo município de Sertãozinho, leu o cap. 2 do livro de Zabala (1998), no qual o autor afirma que os professores podem desenvolver a atividade profissional sem se questionarem qual o sentido profundo das experiências que proporcionam a seus alunos, deixando-se levar, muitas vezes, pela inércia ou pela tradição. Afirma, ainda, que em outra perspectiva, podem tentar compreender o que carregam as experiências que propiciam aos jovens e, assim, intervir para que elas sejam benéficas, o mais possível, para o desenvolvimento e o amadurecimento deles. Regina verificou corretamente que, para ser um profissional competente, segundo Zabala, o professor precisa estar cênscio de que ter um conhecimento rigoroso de sua tarefa implica saber identificar os fatores que incidem no crescimento dos alunos, aceitar (ou não) o papel que ele pode ter nesse crescimento e avaliar se sua intervenção
- (A) será ou não bem aceita pelos seus colegas e pela coordenação da escola.
  - (B) corresponde ao preconizado como inovação didática na atual tendência pedagógica.
  - (C) corresponde àquilo que a comunidade escolar, os pais e os alunos esperam daquela escola em especial.
  - (D) é fiel aos planejamentos de ensino e de aulas elaborados para aquela turma em particular.
  - (E) é coerente com a ideia que tem da função da escola e, portanto, de sua função social como educador.
25. Lenira, preparando-se para prestar o concurso de seleção de professores II, no município de Sertãozinho, leu o texto de Hoffmann, Revista Ideias nº 22. Verificou que ele explica que a cada concepção de avaliação corresponde determinada concepção de aprendizagem, de interação professor-aluno, bem como de conhecimento. Dessa forma, ela compreendeu, de acordo com a autora, que, com a avaliação mediadora, a aprendizagem
- (A) ocorre como construção de conhecimento, pressupondo a organização das experiências vividas pela compreensão progressiva das noções.
  - (B) corresponde à modificação do comportamento, como observou Watson e, portanto, todos podem aprender no mesmo ritmo.
  - (C) deve ser acelerada com o uso das tecnologias da informação e da comunicação, pois os alunos terão uma metodologia para os mais lentos.
  - (D) depende do controle intensivo do professor sobre o escolar, para que este possa demonstrar produção na escola e na sociedade atual.
  - (E) pode ser controlada com base em Skinner, uma vez que, com ele, se aprende a estimular comportamentos desejáveis e a reprimir os indesejáveis.
26. Joana, preparando-se para o concurso de Professor II de Sertãozinho, leu o artigo *Pedagogia de Projetos*: contribuições para uma educação transformadora, (Moura, 2010), em relação à “importância do trabalho por projetos como um instrumento para uma construção significativa e compartilhada do conhecimento, contribuindo para uma educação transformadora, mostrando-se como um meio capaz de devolver à escola seu papel de espaço educativo e de transformação social”. Ao ler o referido texto, Joana compreendeu corretamente que, segundo Moura, trabalhar por meio de projetos é uma abordagem didática que
- (A) dá muita segurança aos alunos porque se pauta em um percurso fixo, ordenado, sempre previsível, eivado de certezas e livre de contradições.
  - (B) auxilia na formação integral dos indivíduos, já que cria diversas oportunidades de aprendizagem conceitual, atitudinal, procedimental para eles.
  - (C) facilita bastante o trabalho didático-pedagógico do professor e a aprendizagem dos alunos, porque apresenta tanto objetivos quanto conteúdos prefixados.
  - (D) possibilita diferentes tipos de aprendizagem, dentre eles a de conhecimentos, saberes, atitudes e valores tradicionais, que dão prestígio e mantêm o *status quo*.
  - (E) possui uma série de fórmulas a serem aplicadas, o que contribui com os participantes na concretização de seus sonhos, de seus planos e objetivos de vida.
27. Glória e Zélia concluíram a Licenciatura em Letras e vão prestar concurso para a seleção de professor II em Sertãozinho. Ao estudarem o cap. 6 da obra de Libâneo (1985), identificaram-se com os propósitos da Pedagogia crítico-social dos conteúdos, pois verificaram que para essa tendência, a educação tem uma tarefa crítico-transformadora, e traz como consequência a valorização da instrução e do ensino como instrumentos de humanização. Assim, tal trabalho docente é um processo simultâneo de transmissão/assimilação ativa, no qual o professor intervém trazendo um conhecimento sistematizado e o aluno
- (A) consegue devolver integralmente ao professor o que lhe foi transmitido, mostrando-lhe os conhecimentos repassados para fiel aplicação na prática social.
  - (B) apropria-se dos conhecimentos, conforme seu desejo, sem se ocupar da prática social, pois o ponto de partida só está nele próprio.
  - (C) é um futuro agente de articulação político-partidária em preparação na escola, mediante as interações estabelecidas com os conteúdos curriculares.
  - (D) deve seguir os métodos do professor para que cada um seja disciplinado e lide com a prática social global, conforme as instruções docentes.
  - (E) é capaz de reelaborá-lo criticamente com os recursos que traz para a situação de aprendizagem, tendo, como pontos de partida e de chegada, a prática social.

**28.** Weisz (2000), cap. 8, propõe “que todos, professores e equipe técnica, se tornem cada vez mais responsáveis, coletivamente, pelo resultado do trabalho de toda a escola”. A autora enfatiza que as práticas pedagógicas, tanto na escola básica quanto nas ações de formação profissional, correspondem a concepções a respeito de como se dá o conhecimento. Assim, assumindo uma concepção construtivista de aprendizagem, ela propõe, como eixo do trabalho de formação, a “tematização da prática”, a qual consiste em

- (A) agrupar dúvidas e dificuldades por temas e organizar seminários de estudo e debate de textos selecionados para saná-las.
- (B) assistir, em equipe, vídeos gravados de suas aulas, levantando lacunas teóricas de formação, sanáveis com leituras.
- (C) estudar os temas mais relevantes dos conteúdos curriculares de cada série, para uma abordagem consistente.
- (D) olhar para a prática de sala de aula como algo sobre o que se pode pensar, documentando-a e analisando-a.
- (E) aplicar princípios da teoria construtivista da aprendizagem em projetos didáticos compartilhados por série.

**29.** Contreras (2002, cap. 7) aprofunda a análise do conceito da autonomia de professores, percorrendo sua vinculação com três diferentes modelos de professores: o especialista técnico, o profissional reflexivo e o intelectual crítico, e, “cruzando” cada um deles com as dimensões da profissionalidade do professor: obrigação moral, compromisso com a comunidade e competência profissional.

Rios (2001, cap. 3) desenvolve uma reflexão em relação à competência do professor, sobre o que seria uma docência da melhor qualidade, explicitando dimensões dessa competência: a técnica, a estética, a política e a ética.

Nessas duas preciosas contribuições, encontra-se a valorização

- (A) do aprimoramento técnico da ação docente, graças ao qual os professores lograrão prestígio profissional e autonomia.
- (B) do compromisso de qualificar a prática educativa mediante crítica consciente e compartilhada, com vistas ao bem comum.
- (C) da reflexão individual sobre a própria prática pedagógica, indispensável para conquistar a autonomia profissional.
- (D) da delimitação administrativa das funções docentes e da vigilância democrática de seu cumprimento por parte da sociedade.
- (E) da participação política dos professores, reunidos em corporações, as quais buscam benefícios, mas também fazem formação.

**30.** Moran (2004) coloca que a Internet e as modernas tecnologias estão acarretando novos desafios pedagógicos para as escolas. Diz ele que, atualmente, o professor depara-se com quatro tipos de espaços de ensino-aprendizagem: uma nova sala de aula melhor equipada e com atividades diferentes; o laboratório, onde os alunos encontram condições para desenvolver atividades de pesquisa; os ambientes virtuais de aprendizagem conectados à Internet, permitindo que os alunos aprendam a distância; os espaços da realidade “vívida”, como os provenientes de inserção em ambientes profissionais.

Nesse contexto, Moran afirma que uma das tarefas mais importantes das escolas e secretarias de educação hoje é planejar e flexibilizar, no currículo de cada curso, o tempo de presença física em sala de aula e o tempo de aprendizagem virtual e como

- (A) conseguir fundos para custear os investimentos necessários.
- (B) integrar de forma criativa e inovadora esses espaços e tempos.
- (C) escolher os conteúdos que serão trabalhados em cada espaço.
- (D) treinar os professores para trabalharem nesse novo paradigma.
- (E) vencer a resistência dos docentes quanto às novas metodologias.

## CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

Leia a tira para responder às questões de números 31 a 33.



(Folha de S.Paulo, 28.12.2017)

31. Na análise dos fenômenos linguísticos, é importante que o docente reconheça os usos contextualizados. Nesse sentido, na frase do primeiro quadrinho, a conjunção “e”, além da conexão entre as orações, também expressa sentido de

- (A) causa.
- (B) condição.
- (C) oposição.
- (D) consequência.
- (E) conformidade.

32. Com base nos critérios de textualização de Marcuschi (2008), é correto afirmar que a tira é um texto de

- (A) reflexão, que estabelece um modelo de comportamento a ser seguido pelos leitores do jornal.
- (B) crítica, que estabelece uma interpretação única para as informações verbais e não verbais.
- (C) humor, que estabelece um jogo de sentido entre informações internas e informações externas a ela.
- (D) zombaria, que estabelece uma forma correta de se interpretarem as informações verbais e não verbais.
- (E) sátira, que estabelece o sentido pretendido pelo autor, sem que o leitor possa participar dele.

33. Quando transposta para o ensino de língua portuguesa, a situação apresentada nos dois quadrinhos finais permite concluir corretamente que existem alguns usos linguísticos que os PCNs (1998) associam a

- (A) falhas de “adequação do registro oral às situações interlocutivas”, como é o caso da frase “Me decapita logo”.
- (B) “padrões gramaticais anacrônicos e artificiais”, como é o caso da frase “Decapite-me logo”.
- (C) “regras do bem dizer e escrever”, sem que haja prevalência de uma forma em relação à outra, como no caso das duas frases.
- (D) formas que se tornam “padrões de correção de todas as formas linguísticas”, como é o caso da frase “Me decapita logo”.
- (E) ideias como a de que “ninguém fala corretamente no Brasil”, como é o caso da frase “Decapite-me logo”.

34. Ao avaliar as consequências das propriedades de variação da linguagem para o ensino da língua materna, Roberto Gomes Camanho (em Mussalim e Bentes: 2005) enfatiza que

- (A) a pedagogia do correto e do incorreto é um caminho para se reconhecer a importância da melhor variedade de língua.
- (B) os jovens provenientes de camadas marginalizadas encontram na variedade padrão uma forma de identidade social.
- (C) a heterogeneidade inerente à linguagem faz com que algumas variedades imponham mais dificuldade de aprendizagem.
- (D) a imposição de uma variedade linguística na escola mostra-se como forma salutar para minimizar as diferenças.
- (E) algumas formas de expressão podem estigmatizar socialmente seus falantes, enquanto outras podem ser valorizadas.

Leia o texto para responder às questões de números **35 e 36**.

Esse conhecimento desempenha papel central no processamento do texto. Entende-se por processamento aquela atividade pela qual as palavras, unidades discretas, distintas, são agrupadas em unidades ou fatias maiores, também significativas, chamadas constituintes da frase. À medida que as palavras são percebidas, a nossa mente está ativa, ocupada em construir significados, e um dos primeiros passos nessa atividade é o agrupamento em frases (daí essa parte do processamento chamar-se segmentação ou fatiamento) com base no conhecimento gramatical de constituintes: o tipo de conhecimento que determina o artigo precede nome e este se combina com adjetivo (Art N Adj o homem alto), assim como o verbo com nome (V N comeu ovos) e assim sucessivamente.

(Kleiman, 1993)

**35.** No texto, a autora trata do conhecimento

- (A) linguístico que, associado a outros tipos de conhecimento, permite ao leitor construir os sentidos do texto.
- (B) prévio que, independentemente de outros tipos de conhecimento, garante ao leitor o entendimento do texto.
- (C) textual que, associado ao conhecimento de mundo, é suficiente para que o leitor compreenda um texto.
- (D) de mundo que, independentemente de outros tipos de conhecimento, garante ao leitor o entendimento do texto.
- (E) discursivo que, associado ao conhecimento textual, permite que o leitor construa as relações de sentido do texto.

**36.** Com base no conceito de constituintes apresentados, assinale a alternativa em que a expressão destacada corresponde a um sintagma nominal com a função de sujeito de oração.

- (A) Chegou a **primeira encomenda do ano**.
- (B) Espero a **elaboração de vários projetos**.
- (C) Chegou à **idade mais alegre da vida**.
- (D) Todos foram a **uma praia bem distante**.
- (E) Realmente houve a **esperada transformação**.

**37.** Ao discutir a escrita na escola, João Wanderley Geraldi (1997) pondera que

- (A) a produção de texto só faz sentido quando os próprios alunos corrigem seus textos, sem intervenção docente.
- (B) o professor deve centrar sua atenção na correção de redações com base nos critérios da norma-padrão da língua.
- (C) a avaliação de textos perdeu seu lugar no ensino, por isso o aluno ganha a condição de sujeito de seu discurso.
- (D) a escola descaracteriza o aluno como sujeito, sendo que o uso que se faz da língua nesse contexto é artificial.
- (E) a forma de garantir o aspecto político da educação é justamente com a correção efetiva dos textos dos alunos.

**38.** Nos PCNs (1998), são apresentadas algumas sugestões didáticas orientadas especificamente para a formação de leitores. Entre elas, a leitura autônoma diz respeito

- (A) à atividade em que o professor lê um texto com a classe e, durante a leitura, questiona os alunos sobre os índices linguísticos que dão sustentação aos sentidos atribuídos. É uma excelente estratégia didática para o trabalho de formação de leitores, principalmente para o tratamento dos textos que se distanciam muito do nível de autonomia dos alunos.
- (B) à oportunidade de o aluno poder ler, de preferência silenciosamente, textos para os quais já tenha desenvolvido uma certa proficiência. Vivenciando situações de leitura com crescente independência da mediação do professor, o aluno aumenta a confiança que tem em si como leitor, encorajando-se para aceitar desafios mais complexos.
- (C) à leitura compartilhada de livros em capítulos, que possibilita ao aluno o acesso a textos longos – e às vezes difíceis – que, por sua qualidade e beleza, podem vir a encantá-lo, mas que, talvez, sozinho não o fizesse.
- (D) à situação didática adequada para discutir coletivamente um título considerado difícil para a condição atual dos alunos, pois permite reduzir parte da complexidade da tarefa, compartilhando a responsabilidade. O professor segmenta a obra em partes em função de algum critério, propondo a leitura sequenciada de cada uma delas.
- (E) à situação didática, proposta com regularidade, adequada para desenvolver o comportamento do leitor, ou seja, atitudes e procedimentos que os leitores assíduos desenvolvem a partir da prática de leitura: formação de critérios para selecionar o material a ser lido, rastreamento da obra de escritores preferidos etc.

39. Trata-se de uma escolha pedagógica que fundamenta o procedimento “sequência didática” proposto por Dolz, Noverraz e Schnewly (2004) o reconhecimento de que esse procedimento
- (A) tem como objeto o que é “dizível” através de determinadas estruturas textuais e com determinados meios linguísticos.
  - (B) visa transformar o modo de falar e de escrever dos alunos, no sentido de uma consciência mais ampla de seu comportamento de linguagem em todos os níveis.
  - (C) utiliza instrumentos linguísticos que permitem compreender as unidades de linguagem: os textos e os discursos.
  - (D) explora a representação da situação de comunicação, o trabalho sobre os conteúdos e a estruturação dos textos.
  - (E) inclui possibilidades de avaliação formativa, isto é, de regulação dos processos de ensino e de aprendizagem.

Leia o texto para responder às questões de números 40 a 44.

Meu vizinho das quintas-feiras, Sérgio Rodrigues, já abordou o tema com muito mais propriedade do que eu seria capaz, mas ele tem me irritado tanto (o tema, não o Sérgio) que vou invadir o quintal alheio e bater na mesma tecla. De um ano pra cá, comecei a ouvir frases do tipo “não é sobre opinião, é sobre respeito” ou “não é sobre alimentação, é sobre saúde”, “não é sobre direitos, é sobre deveres”.

A primeira vez que me deparei com este novo uso do “sobre”, pensei que estavam falando “sobre” algum filme, livro ou peça de teatro. A respeito de “Superman I”, por exemplo, poderíamos dizer que “não é sobre superpoderes, é sobre amor”. Assim como “Casa de Bonecas”, do Ibsen, “não é sobre um casamento, é sobre a liberdade”. Prestando mais atenção, porém, percebi que o sentido era outro. Era o “sobre” como “ter a ver com”. Trata-se de uma tradução troncha de “it’s not about”, que os anglófonos usam a torto e a direito. Ou melhor, nós usamos torto, eles usam direito.

(Antônio Prata, Sobre o “sobre”. Em: *Folha de S.Paulo*, 29.10.2017)

40. Conforme Koch e Elias (2011), nas passagens do primeiro parágrafo “mas **ele** tem me irritado tanto” e “(o tema, não **o Sérgio**)”, as expressões em destaque correspondem aos seguintes mecanismos de coesão, respectivamente:

- (A) recorrência de expressão já empregada, que tem potencialmente dois referentes, conforme interesse do autor de criar a ambiguidade; expressão nominal definida, sem retomada de termo já empregado.
- (B) retomada catafórica pronominal, sem problemas de sentido, sendo dispensável a ressalva entre parênteses; hiperônimo, com retomada de termo já expresso anteriormente por outro superordenado.
- (C) retomada anafórica pronominal, que teria potencialmente dois referentes, se não houvesse a ressalva entre parênteses; expressão nominal definida, com retomada de termo já empregado anteriormente.
- (D) retomada anafórica pronominal, sem problemas de sentido, sendo dispensável a ressalva entre parênteses; recorrência de expressão já empregada, que poderia ser substituída por um pronome.
- (E) recorrência de expressão já empregada, sem problemas de sentido, sendo dispensável a ressalva entre parênteses; recorrência de expressão já empregada, que poderia ser substituída por um sinônimo.

41. Leia as passagens do texto:

- ... pensei que estavam falando “**sobre**” algum filme, livro ou peça de teatro.
- Era o “**sobre**” como “ter a ver com”.
- Ou melhor, nós usamos **torto**, eles usam direito.

Em relação aos termos destacados no contexto em que ocorrem, é correto afirmar que estão empregados, correta e respectivamente, como

- (A) preposição, substantivo e adjetivo.
- (B) advérbio, preposição e adjetivo.
- (C) preposição, substantivo e advérbio.
- (D) advérbio, advérbio e advérbio.
- (E) conjunção, substantivo e adjetivo.

42. Com base em Marcuschi (2008), é correto afirmar que o texto de Antônio Prata pertence ao domínio discursivo
- interpessoal, correspondendo a uma página de diário de um “eu” subentendido.
  - publicitário, correspondendo a um relato pessoal com marcas subjetivas.
  - do lazer, correspondendo a uma piada, ainda que sem marcas de subjetividade.
  - ficcional, correspondendo a uma crônica marcada pelo efeito de objetividade.
  - jornalístico, correspondendo a uma crônica em que a subjetividade está marcada.
43. O texto de Antônio Prata é adequado para discutir, por exemplo, a questão da variação linguística com os alunos da educação básica. Alguns usos que poderiam ser explorados para exemplificar a informalidade no discurso do autor são:
- “...vou invadir o quintal alheio e bater na mesma tecla.”; “...que os anglófonos usam a torto e a direito.”
  - “...já abordou o tema com muito mais propriedade do que eu seria capaz...”; “Ou melhor, nós usamos torto, eles usam direito.”
  - “De um ano pra cá, comecei a ouvir frases do tipo...”; “A respeito de ‘Superman I’, por exemplo, poderíamos...”.
  - “...mas ele tem me irritado tanto...”; “Prestando mais atenção, porém, percebi que o sentido era outro.”
  - “... ‘não é sobre alimentação, é sobre saúde’...”; “...pensei que estavam falando ‘sobre’ algum filme, livro ou peça de teatro.”
44. Tomando-se por referência a teoria de Bakhtin (1992), conclui-se que o texto de Antônio Prata corresponde a um gênero discursivo
- primário, com base em sua estrutura pouco formal e pela liberdade como expressa determinados pontos de vista.
  - secundário, pois aparece em situação de comunicação cultural escrita mais complexa, devido ao suporte textual em que circula.
  - primário, considerando-se que o autor faz uso recorrente da primeira pessoa do singular, marca de textos cotidianos.
  - secundário, já que mantém uma relação direta com a realidade que representa, sem nenhuma alteração ideológica.
  - primário, a partir de uma situação de comunicação prosaica muito mais marcada pela fala do que pelas marcas da escrita.
45. Ao discutir os conceitos de gramática, Sírío Possenti (em Geraldini: 1997) diz: “é [o conceito] mais usual entre os membros de uma comunidade linguística, pelo menos em comunidades como as nossas: o termo *língua* recobre apenas uma das variedades linguísticas utilizadas efetivamente pela comunidade, a variedade pretensamente utilizada pelas pessoas cultas. É a chamada língua padrão, ou norma culta.” Essas considerações do autor reportam a uma concepção de gramática como
- conjunto de regras determinadas pelos usos sociais da língua, que considera o contexto para definir o que é certo ou errado na fala e na escrita. Como fundamenta uma concepção de língua que se apoia na interação entre os sujeitos, alinha-se às ideias dos PCNs.
  - conjunto de regras que são utilizadas pelos falantes, que considera a existência de outras formas de falar ou escrever, mas não as recomenda. Como fundamenta uma concepção de língua que reconhece a variedade, é recomendada nos PCNs.
  - conjunto de regras que o falante aprendeu e do qual se vale ao falar ou escrever, sabendo diferenciar o certo do errado em termos linguísticos. Como fundamenta uma concepção de língua que fortalece o formalismo linguístico, é recomendada nos PCNs.
  - conjunto de regras a serem seguidas, que considera erradas as outras formas de falar ou escrever. Como fundamenta uma concepção de língua que exclui a variedade e promove o preconceito linguístico e cultural, recebe duras críticas nos PCNs.
  - conjunto de regras que podem ser usadas pelos falantes, considerando a língua como uma estrutura que vê na variedade problemas para a boa expressão linguística. Como fundamenta uma concepção de língua que promove o preconceito, é rechaçada nos PCNs.
46. Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) propõem “a progressão das atividades ‘em espiral’”, que “remete a um ensino da diversidade textual a cada nível”. Para se desenvolverem competências e habilidades de “transmitir conhecimentos”, os gêneros de texto adequados a serem utilizados em sala de aula são:
- carta de solicitação, debate regrado, nota crítica de leitura, narrativa de ficção científica.
  - paródia de conto, narrativa de ficção científica, novela fantástica, narrativa de aventura.
  - carta de leitor, apresentação de um romance, exposição escrita, regras de um jogo.
  - conto maravilhoso, síntese, notícia, apresentação de um brinquedo e seu funcionamento.
  - apresentação de documentos, relatório científico, exposição oral, entrevista radiofônica.

47. *Cristina*: Trabalho. Trabalho com gramática no texto. Só a partir do texto. Todo nosso trabalho, todo nosso trabalho é a partir do texto. Agora, claro que nós damos anotações separadas, mas a partir de um texto.

(Albuquerque: 2006)

Analisando a fala transcrita da professora, conclui-se corretamente que

- (A) é flagrante o conflito entre uma perspectiva nova de ensino – trabalhar a gramática a partir do texto – e uma prática já consolidada – dar anotações separadas. Isso revela que muitos educadores, mesmo conhecendo o “novo”, não conseguem desvencilhar-se de velhas práticas.
- (B) é desejável conciliar diferentes estratégias na sala de aula, garantindo que uma prática já consolidada – dar anotações separadas – auxilie o trabalho com uma nova perspectiva de ensino – trabalhar a gramática a partir do texto. Isso revela que as velhas práticas não devem ser abandonadas.
- (C) é melhor manter uma prática já consolidada – trabalhar com gramática no texto – do que buscar inovação – dar anotações no caderno. Isso revela que misturar estratégias pode prejudicar o ensino.
- (D) é difícil usar uma nova estratégia – dar anotações no caderno – quando há práticas tradicionais mais produtivas – trabalhar com gramática no texto. Isso revela que diferentes estratégias criam contradições.
- (E) é produtivo usar uma nova perspectiva de ensino – trabalhar com gramática no texto – como forma de potencializar uma prática consolidada – dar anotações separadas. Isso revela a necessidade de unir estratégias.

48. Leia a charge.



(Duke. Em: otempo.com.br)

De acordo com Koch e Elias (2011), “o leitor, em seu trabalho para produzir sentido, deve levar em conta: o vocabulário e a situação de uso, os recursos sintáticos, os blocos textuais e a associação a fatos históricos, políticos, sociais, culturais, o gênero textual, o propósito comunicacional e a situação comunicativa”. Dessa forma, é coerente afirmar que a charge

- (A) condena a ideia de ostentar.
  - (B) explora o desentendimento conjugal.
  - (C) põe os recursos tecnológicos em segundo plano.
  - (D) faz uma crítica ao preço do gás.
  - (E) satiriza as divergências entre gêneros.
49. Em relação à variação linguística e ensino, os PCNs (1998) asseveram que
- (A) a escola precisa parar de tratar a diversidade linguística como algo positivo e deve investir no trabalho sistemático que garanta o conhecimento e o uso da norma-padrão da língua.
  - (B) o padrão de fala e de escrita de um aluno deve ser melhorado com o avanço da escolaridade, de tal forma que ele possa deixar de usar variedades linguísticas de pouca representatividade social.
  - (C) o desenvolvimento da linguagem deve garantir o domínio de várias modalidades da fala e dos padrões de escrita pelo princípio de extensão da competência linguística e não pela substituição.
  - (D) a diversidade linguística fomenta práticas de preconceito e de exclusão no interior da escola, o que pode ser evitado com a extinção do ensino da norma-padrão nas escolas do país.
  - (E) o maior erro da escola é continuar ensinando oralidade e escrita como práticas independentes, deixando de reconhecer que esta, na realidade, é a representação simbólica daquela.

Leia o texto para responder às questões de números 50 a 53.

### *Teto de vidro*

Em 1940, apenas 34% das mulheres no Brasil sabiam ler e escrever, segundo dados do Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Ir além da alfabetização e ingressar em uma universidade era atividade rara para elas.

A primeira universidade brasileira, estruturada na maneira como conhecemos hoje, administrada por uma reitoria e organizada nas vertentes do ensino, pesquisa e extensão, surgiu na década de 1920, com a Universidade do Rio de Janeiro, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Na década de 1930, surge a principal universidade do Brasil: a Universidade de São Paulo (USP).

A criação da USP se dá com a organização da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, atualmente Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH). Desde a década de 1930 até hoje, a Faculdade teve somente uma mulher no cargo de diretora: Sandra Margarida Nitrini, que desempenhou a função entre 2008 e 2012.

A advogada Esther de Figueiredo Ferraz foi a primeira professora mulher da USP, ocupando o cargo na década de 1950, vinte anos após a criação da universidade. Mais que isso, Esther se tornou a primeira docente mulher na Faculdade mais antiga do Brasil, a Faculdade de Direito de São Paulo, fundada em 1827 e integrada à USP em 1932. Desde o século 19, a Faculdade de Direito da USP teve somente uma mulher no cargo de diretora, Ivette Senise Fonseca, que ocupou a cadeira entre 1998 e 2002.

Ser a primeira docente universitária do Brasil permitiu que Esther fosse também pioneira em outras áreas: foi a primeira reitora mulher da Universidade Mackenzie e a primeira ministra da história nacional, em 1982, ocupando a pasta da Educação. Apesar de muitos avanços das mulheres no setor educacional, Esther ainda é a única mulher nomeada ministra da Educação no Brasil.

(Lais Modelli, Teto de vidro. *Revista Cult*, setembro de 2016)

50. A leitura permite concluir que se trata de

- (A) um artigo de opinião que engrandece o papel da mulher na educação do Brasil, em um texto que mescla sequências tipológicas descritivas e narrativas, predominantemente.
- (B) uma reportagem que analisa o papel da mulher na educação brasileira, em um texto que mescla sequências narrativas e expositivas, predominantemente.
- (C) um ensaio que desvela a condição inferior da mulher na educação brasileira, em um texto que mescla sequências tipológicas narrativas e injuntivas, predominantemente.
- (D) uma notícia que expõe o avanço do papel da mulher no ensino do Brasil, em um texto que mescla sequências descritivas e argumentativas, predominantemente.
- (E) um relato histórico que desconsidera o papel da mulher na educação brasileira, em um texto que mescla sequências tipológicas expositivas e argumentativas, predominantemente.

51. Assinale a alternativa em que a fala, transcrita de outra parte do texto lido, articula-se coerentemente ao título do texto, explicitando-lhe o significado relativo à questão da igualdade de gênero no ambiente acadêmico.

- (A) “Minha geração talvez tenha sido a última em que o casamento era a profissão própria para a mulher” (Maria Lygia Quartim de Moraes).
- (B) “Existe um obstáculo invisível que opera para que as mulheres não ascendam na carreira universitária e cheguem às posições de poder” (Helena Hirata).
- (C) “Na época, as mulheres já começavam a ser maioria na área de humanas, tida como a mais sintonizada com o *script* tradicional próprio das mulheres dos setores médios” (Guita Grin Debert).
- (D) “A vida universitária era muito difícil naquela época. Minha carreira foi interrompida pela Ditadura” (Helena Hirata).
- (E) “No exílio, me tornei militante na França. Ao mesmo tempo, no exterior, completei minha formação com a inclusão da economia...” (Maria Lygia Quartim de Moraes).

52. Com base em Koch e Elias (2011), identifica-se encaideamento por conexão em que há relação de contrajunção entre os enunciados em:

- (A) Em 1940, apenas 34% das mulheres no Brasil sabiam ler e escrever, segundo dados do Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).
- (B) Ir além da alfabetização e ingressar em uma universidade era atividade rara para elas.
- (C) Desde a década de 1930 até hoje, a Faculdade teve somente uma mulher no cargo de diretora...
- (D) Ser a primeira docente universitária do Brasil permitiu que Esther fosse também pioneira em outras áreas...
- (E) Apesar de muitos avanços das mulheres no setor educacional, Esther ainda é a única mulher nomeada ministra da Educação no Brasil.

53. Observe as passagens do texto:

- Desde o século 19, a Faculdade de Direito da USP teve somente uma mulher no cargo de diretora, Ivette Senise Fonseca, **que** ocupou a cadeira entre 1998 e 2002.
- Ser a primeira docente universitária do Brasil permitiu **que** Esther fosse também pioneira em outras áreas...

Observando-se a palavra **que**, em destaque nos enunciados, conclui-se corretamente que

- (A) a primeira completa o sentido do verbo transitivo; a segunda articula enunciados recuperando informação da oração anterior, restringindo o sentido.
- (B) as duas articulam enunciados recuperando informação da oração anterior: a primeira, com função explicativa; a segunda fazendo uma restrição de sentido.
- (C) a primeira articula enunciados recuperando informação da oração anterior, com função explicativa; a segunda liga uma oração a outra, completando o sentido do verbo transitivo.
- (D) as duas articulam enunciados recuperando informação da anterior: a primeira fazendo uma restrição de sentido; a segunda, com função explicativa.
- (E) a primeira articula enunciados recuperando informação da oração anterior, restringindo o sentido; a segunda liga uma oração a outra, completando o sentido do verbo transitivo.

Leia o texto para responder às questões de números 54 a 56.

**Ceia:** do latim *coena*, última refeição do dia, o nosso popular jantar. A ceia de Natal, porém, tem suas singularidades, a primeira das quais são os convidados. O costume nasceu na Europa. Os cristãos deixavam abertas as portas das casas para que mendigos e viajantes pudessem compartilhar fraternalmente pelo menos uma refeição por ano. O romancista polonês Wladyslaw Stanislaw Reymont (1867-1925), Prêmio Nobel de Literatura em 1924, em *Uma Lenda de Natal*, situa sua trama na Polônia em certa noite natalina. Jesus, Judas e Pedro chegam esfomeados a uma estalagem. Não havendo nada para comer, a estalajadeira vende-lhes um ganso. Judas, ganancioso, sopra as penas da barriga da ave e pechincha no preço, dizendo que o ganso é muito magro. Jesus propõe que os três vão dormir, enquanto o ganso é preparado. Como a comida não é suficiente para todos, diz que quem tiver o sonho mais bonito comerá o ganso. Judas come a ave enquanto Pedro e Jesus dormem. Quando o mestre pergunta qual foi seu sonho, responde com cinismo: “Sonhei que me levantava e em sonho comia o ganso”. O escritor conclui que esta é a razão de o povo da Polônia guardar vigília na noite de Natal.

(Ângela Paiva Dionísio, Verbetes: um gênero além do dicionário. Em: Machado e Bezerra [orgs.]

54. De acordo com a autora, o verbete enciclopédico apresenta informações linguísticas e extralinguísticas, além de uma heterogeneidade tipológica. Em relação a esta, identificam-se sequência expositiva e sequência narrativa, respectivamente, nas passagens:

- (A) O escritor conclui que esta é a razão de o povo da Polônia guardar vigília na noite de Natal. / Judas come a ave enquanto Pedro e Jesus dormem.
- (B) A ceia de Natal, porém, tem suas singularidades, a primeira das quais são os convidados. / do latim *coena*, última refeição do dia, o nosso popular jantar.
- (C) “Sonhei que me levantava e em sonho comia o ganso”. / Jesus, Judas e Pedro chegam esfomeados a uma estalagem.
- (D) Os cristãos deixavam abertas as portas das casas para que mendigos e viajantes pudessem compartilhar fraternalmente pelo menos uma refeição por ano. / A ceia de Natal, porém, tem suas singularidades, a primeira das quais são os convidados.
- (E) Como a comida não é suficiente para todos, diz que quem tiver o sonho mais bonito comerá o ganso. / O romancista polonês Wladyslaw Stanislaw Reymont (1867-1925), Prêmio Nobel de Literatura em 1924, em *Uma Lenda de Natal* situa sua trama na Polônia em certa noite natalina.

55. Koch e Elias (2011) observam que, “na narrativa, o pretérito perfeito marca o primeiro plano e o pretérito imperfeito marca o segundo plano (plano de fundo)”. Na nota enciclopédica, constata-se que

- (A) predominam os verbos no tempo presente, o que minimiza o segundo plano, estratégia que põe em relevância a análise dos fatos narrados e não as ações realizadas pelas personagens.
- (B) inexistente o jogo temporal que marca o primeiro e o segundo plano, de tal forma que toda passagem narrativa está organizada com verbos no pretérito perfeito, enfatizando a ideia de ação acabada.
- (C) ocorre uma alteração com o jogo temporal, sendo o primeiro plano marcado pelos verbos no presente e os do segundo plano com os verbos no pretérito imperfeito, indicando a progressão das ações.
- (D) há o jogo temporal nas passagens narrativas, porém, ocorre também o presente histórico nestas e em outras passagens, por meio do qual se cria uma relação mais próxima entre o leitor e os fatos narrados.
- (E) existe o jogo temporal entre os pretéritos, embora ele não se limite às passagens narrativas, estando presente também nas passagens argumentativas, em que se analisa o procedimento de Judas.

56. Observe as passagens:

- ... do latim *coena*, última refeição do dia, o nosso popular **jantar**. A **ceia** de Natal...
- Não havendo nada para comer, a estalajadeira vende-lhes um **ganso**. Judas, ganancioso, sopra as penas da barriga da **ave**...

Nas passagens, a relação que há entre os termos destacados é, respectivamente, de

- (A) sinonímia e retomada por hipônimo.
- (B) hipônimos de “alimentar-se” e sinônimos.
- (C) anáfora associativa e sinônimos.
- (D) sinonímia e retomada por hiperônimo.
- (E) anáfora especificadora e catáfora.

57. ... há uma mudança na constituição dos sujeitos que frequentam os ambientes escolares e, também, uma ampliação dos canais e meios de comunicação – fazendo com que todos estejam aqui e em todos os lugares ao mesmo tempo – que acabam por promover um aumento da diversidade linguística e cultural, fazendo os sujeitos se confrontarem com a grande diversidade de textos orais e escritos que hoje circulam na sociedade.

(A.V.M. Dias, Hipercontos multissemióticos. Em: Rojo e Moura: 2012)

Para o ensino de língua materna, o exposto implica pensar

- (A) a forma correta de atender às novas demandas sociais, garantindo-se o ensino da norma-padrão com base nos recursos tecnológicos disponíveis no mundo contemporâneo.
- (B) a necessidade de atender às novas demandas sociais, promovendo-se o multiletramento dos alunos com base nos recursos tecnológicos disponíveis no mundo contemporâneo.
- (C) a contradição existente no ensino contemporâneo, que está muito mais preocupado com as ferramentas tecnológicas do que comprometido com uma educação de qualidade.
- (D) a liberdade pedagógica que as escolas devem ter para que seus alunos possam ser letrados sem a intervenção e o monitoramento contínuo dos professores.
- (E) a possibilidade de usar as ferramentas tecnológicas a fim de evitar sobrecarga de docentes e discentes, que podem dedicar-se a atividades mais lúdicas na escola.

58. Irlandé Antunes (2003) defende como princípio geral do ensino a ideia de que “a língua só se atualiza a serviço da comunicação intersubjetiva, em situações de atuação social e através de práticas discursivas, materializadas em textos orais e escritos”. Assim, conclui-se que ela concebe a língua numa perspectiva

- (A) variacionista, estrutural e prescritiva.
- (B) normativista, estrutural e discursiva.
- (C) interacionista, funcional e discursiva.
- (D) prescritiva, normativa e funcional.
- (E) interacionista, estrutural e prescritiva.

59. De acordo com Bakhtin, o caráter dialógico da linguagem diz respeito

- (A) à relação que se estabelece entre enunciados na comunicação verbal.
- (B) ao conjunto de ideias que garante sua inscrição no interior da língua.
- (C) ao discurso monológico, marcado pela ausência de um outro sujeito.
- (D) à noção de verossimilhança estabelecida no ato de comunicação.
- (E) ao papel que os falantes exercem durante suas práticas comunicativas.

60. Leia os textos 1 e 2.

#### TEXTO 1

Os cotistas com 70 anos ou mais serão os primeiros a receber os recursos, a partir do dia 19 de outubro [de 2017]. Em seguida, serão contemplados aposentados em geral, a partir de 17 de novembro e, a partir de 14 de dezembro, mulheres com 62 anos ou mais e homens com 65 anos ou mais.

(www.g1.globo.com)

#### TEXTO 2



(<http://fotografia.folha.uol.com.br>)

Ao discorrer sobre a especificidade da Análise do Discurso, Fernanda Mussalim (em Mussalim e Bentes: 2004) explica que ela “se refere à linguagem apenas à medida que esta faz sentido para sujeitos inscritos em estratégias de interlocução, em posições sociais ou em conjunturas históricas”. Levando-se em consideração a conjuntura histórica, o diálogo intertextual entre os textos 1 e 2 aponta para o seguinte sentido:

- (A) os idosos com mais de 70 anos gastam mais.
- (B) o governo distribui dinheiro de forma acrítica.
- (C) o PIS foi liberado para pagamento de contas.
- (D) as mulheres gastam mais que os homens.
- (E) os idosos usam o PIS para quitar dívidas.

